

CONFERÊNCIA DE ABERTURA:

MATEMÁTICA EM DIÁLOGO: ÁLGEBRA, LÍNGUA E CULTURA ÁRABES

Luiz Jean Lauand (FE-USP)

jeanlaua@usp.br

O senso comum tende a pensar que o conhecimento científico independe de latitudes e culturas: uma fórmula química ou um teorema de Geometria são os mesmos em latim ou em chinês e, sendo a comunicação o único problema - assim se pensa, à primeira vista -, bastaria uma boa tradução dos termos próprios de cada disciplina e tudo estaria resolvido. Na verdade, porém, sabemos que as coisas não são tão simples e não é preciso muito esforço para lembrar que a evolução da ciência está repleta de interferências histórico-culturais, condicionando o surgimento de uma disciplina, o reconhecimento de um resultado ou a adoção de um procedimento científico...

Esses condicionamentos são de diversas ordens. Assim, ao dizer que a Geometria (*geo-metria*, em grego) é uma ciência grega ou que a Álgebra (*al-jabr*) é uma ciência árabe, estamos afirmando algo mais do que a "casualidade" de terem sido gregos ou árabes seus fundadores ou promotores.

No caso da Álgebra, não foi por mero acaso que ela surgiu em meio a determinados condicionamentos histórico-culturais: na época do califato abássida (que - ao contrário dos califas Omíadas - pretendiam aplicar rigorosamente a lei religiosa à vida cotidiana), no seio da "Casa da Sabedoria" (*Bayt al-Hikma*) de Bagdad, promovida pelo califa Al-Ma'amun, de orientação teológica mu'atazilita. Uma ciência nascida em língua árabe e - como veremos - em conexão de sentido com diversas características gramaticais que diferenciam essa língua da língua grega; uma ciência criada por Al-Khwarizmi, pioneiro da ciência árabe e antagonista da ciência grega.

Certamente, o que a moderna matemática entende por Álgebra pode parecer uma fria e objetiva axiomática - constitutiva de uma sintaxe de estruturas operatórias e destituída de qualquer alcance semântico -, mas essa Álgebra de hoje é o resultado da evolução - em desenvolvimento contínuo - da velha *al-jabr*, forjada em meio a um decisivo contexto histórico-cultural. O paralelo dessas afirmações encontra-se na geometria (em relação à língua grega, ou melhor ao sistema língua/pensamento grego em oposição ao sistema língua/pensamento semita).

Pretendemos assim estabelecer algumas relações entre essas duas disciplinas matemáticas e seus correspondentes de língua, história e cultura.

MESA-REDONDA 1:

HISTÓRIA, CULTURA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS

Adriana C. M. Marafon (UNIMEP)

amarafon@unimep.br

Diana Gonçalves Vidal (FE-USP)

dvidal@usp.br

Vera Lucia Vieira (PUC-SP)

vevi@terra.com.br

Wagner Rodrigues Valente (PUC-SP) – Coordenador

valente@pucsp.br

A emergência de um nome na História da Matemática

Adriana Cesar de Mattos

Proponho responder sobre a emergência de um nome, Arthur Cayley, na História da Matemática.

Naturalmente, esta análise implica documentos, registros. Trata-se de proceder como historiador e, como tal, implica trabalhar com o arquivo.

No presente estudo, considero o conselho das sociedades científicas e o parecerista como *sistemas de filtros* (D'Ambrosio, 1989), uma vez que o papel tanto de um quanto do outro é definir os que deverão assumir a condição de cientista, em particular de matemático. Arthur Cayley foi membro de sociedades como a London Mathematical Society e a Royal Society of London, portanto julgou e foi julgado quando submeteu seus artigos à publicação, ou quando se tornou membro das sociedades. Passou pelo sistema de filtros, cuja consequência foi tornar-se parte dos que

decidiam sobre a direção que a matemática inglesa do século XIX deveria assumir.

Na *London Mathematical Society* encontrei documentos que se referiam, em geral, à distribuição dos artigos a serem analisados, pareceres enfim, delegações sobre a publicação. Naturalmente, trata-se de um trabalho atribuído a um conselho. encontrei a reunião em que o primeiro conselho (1866) foi criado. É interessante prestar a atenção para a questão da autoridade, como justificar a autoridade de um grupo de pessoas de se proclamarem matemáticos de prestígio. A justificativa estava baseada em suas publicações, em revistas importantes no período, tais como *nouvelle annales de mathematiques*, *quarterles journal of mathematics* ou o famoso *journal crelle*, no qual Cayley publicou várias vezes.

As autoridades eram assim reconhecidas, tomando como base outras autoridades. o credenciamento (D'Ambrosio, 1989) é realizado de tal modo a garantir o funcionamento em direção a um consenso tolerado. a publicação passa pelo *sistema de filtros*. Os pareceristas possuem o papel de fiscalizar o conhecimento, pelo menos no que se refere a sua permissão de assim ser denominado.

Naturalmente, ser membro de sociedades não garante ter o nome petrificado. cabe ao historiador fazer de um nome elemento da história, ou seja, a história constituiu 'valor' a elementos anônimos.

Procurei os livros de História da Matemática a partir de meados do século XIX e localizei quando o nome de Cayley deixa de ser mencionado. Desse modo, consegui chegar ao primeiro livro em que é citado seu nome, *A short Account of the History of Mathematics*, escrito por Walter William Rouse Ball e publicado pela Macmillian em 1888.

Ball foi *Fellow* no *Trinity College*, portanto, estava no mesmo local que Cayley. Ele ficou responsável por organizar o arquivo pessoal de Cayley. Interessante o movimento necessário para que o arquivo adquira

materialidade. Muitos outros nomes são mencionados no movimento, mas um em particular, o sucessor de Cayley, na posição de *sadlerian* em 1895, Andrew Russel Forsyth, que assumiu papel importante na distribuição de alguns documentos.essa análise foi possível por meio das correspondências trocadas entre ball e os interessados em determinados documentos. Ele distribuiu a documentação entre diversos locais da universidade de cambridge.

Não se trata de supor a história como uma redução de uma totalidade distribuída no tempo, e sim de não assumir que há um absoluto sustentando o aparecimento, a emergência. Foi nesse sentido que fixei o nome Arthur Cayley e, a partir desse nome, emergiram outros, tais como London Mathematical Society, Royal Society of London, Journal Crelle, Sadlerian, isto é, os mecanismos de reconhecimento matemático do cenário inglês do século xix são localizados. A emergência desse nome depende dos mecanismos (sistema de filtros) que tinham como fim a constituição de prestígio. Retroativamente, fizemos de Arthur Cayley o que ele é.

História da Educação e Cultura Escolar

Diana Gonçalves Vidal (FE-USP)

Nos últimos 20 anos, a discussão em torno do fracasso das reformas educativas e da crise do sistema escolar vêm levando os pesquisadores e professores em História da Educação no Brasil a atentar para as práticas escolares, considerando que é no interior da sala de aula que se decide o destino das políticas públicas, pelas resistências oferecidas por professores, alunos e comunidade às mudanças e pelas alterações efetuadas nos padrões de trabalho vigentes.

A mudança de paradigma concede destaque à função cultural da instituição em face à diversidade da clientela, às relações entre saber teórico e saber escolar e às conexões entre vida escolar e reformas e tem suscitado o reconhecimento da escola como produtora de uma ou várias culturas escolares.

Nesta perspectiva, a constituição do currículo, a formação das disciplinas escolares, o cotidiano institucional, o exercício diário de professores e professoras, alunos e alunas, a materialidade da escola e os recursos metodológicos, bem como a relação da escola com a família e com o espaço social e geográfico têm emergido como problemas de pesquisa e vem demandando dois investimentos no campo historiográfico em educação.

O primeiro se dirige à procura de balizas teóricas que permitam, ainda que provisoriamente, conferir sentido ao passado, possibilitando articular a escrita histórica, no duplo registro de uma condição da pesquisa de campo e de uma recriação da análise pelo manuseio das fontes.

O segundo investimento se endereça a localizar, sistematizar, organizar, socializar e problematizar as fontes para a pesquisa em história da educação. Assim, não apenas as tradicionais fontes legais e estatísticas vêm sendo revisitadas, como uma parcela consistente dos investigadores da área, individual e coletivamente, tem se lançado ao desafio de ampliar a massa documental à disposição do campo e de se inserir no debate epistemológico que tal ampliação envolve, o que em alguns casos vem conduzindo à criação de Centros de Memória e Documentação, Arquivos Escolares e Museus Escolares. Nesse percurso, a arquivística e a museologia têm chamado cada vez mais atenção dos historiadores da educação brasileira e se constituído em tema de reflexão e debate.

Políticas Públicas e a Crise Educacional Brasileira

Vera Lucia Vieira¹ (PUC-SP)

Após 480 anos o Estado brasileiro começou a agir no sentido de concretizar a máxima da democratização da educação. No entanto, o que se verifica é uma crise sem precedentes no setor educacional que resulta em índices alarmantes de analfabetos funcionais.

O ideal liberal de minimizar a desigualdade pela democratização da educação não se concretizou na região, observando-se, pelo contrário, o aumento das desigualdades, ao que os autores tendem a responsabilizar as políticas adotadas pelos governos democráticos. Aponta-se o caráter autocrático vigente nestas sociedades em que o capitalismo é hiper-tardio. Questiona-se neste artigo a possibilidade de vigirem democracias em países como os latino-americanos, em decorrência da forma de ser social que os caracteriza.

Palavras chaves: educação liberal, autocracia, neo-liberalismo, políticas públicas.

¹ Profa. Dra. do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. Coordenadora do Centro de Estudos de História Latino-Americana.

MESA-REDONDA 2:

HISTÓRIA, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS

Francisco César Polcino Millies (IME-USP)

polcino@ime.usp.br

Mirian Jorge Warde (PUC-SP)

warde123@pucsp.br

Shozo Motoyama (FFLCH-USP)

shozomotoyama@uol.com.br

Antonio Miguel (FE-UNICAMP) – Coordenador

miguel@unicamp.br

O eixo temático orientador das discussões que deverão ocorrer na mesa redonda 2 é a problematização da investigação contemporânea nos âmbitos da história da educação, da história das ciências e da tecnologia e da história da matemática, com destaques especiais à caracterização de concepções, perspectivas teóricas e possibilidades de diálogo entre modos de se fazer história no interior desses campos com trajetórias e tradições distintas.

História, Ciência e Educação: possibilidades de diálogos

César Polcino Milies (IME-USP)

Resumo: Jean Dieudonne disse, alguma vez, que *“em matemática, os grandes progressos estiveram sempre ligados à capacidade de se elevar, mais um pouco, no campo da abstração”*. Esta parece ser uma verdade indiscutível. Em relação a essa mesma capacidade de abstração, Henri Lebesgue disse, em 1939, que na sua época *“...as considerações abstratas e*

eruditas desempenham um papel capital até nas ciências experimentais, mas àqueles a quem se destinam estas considerações puderam se mover na abstração e fazer porém obra útil precisamente porque tinham um agudo sentido da realidade. É esse sentido que é necessário se esforçar para despertar nos jovens; depois, mas somente depois, a passagem ao abstrato pode ser aproveitável; porque sob o abstrato se continua a ver o concreto e, no geral, todos os casos verdadeiramente úteis”.

Os pesquisadores na chamada “matemática pura” hoje se movem, como Dieudonne apontou, num grau de abstração sempre crescente. Cabe, então, se perguntar qual seria, neste caso, o *agudo sentido da realidade* que poderia lhes permitir continuar a fazer uma obra verdadeiramente útil. É claro que tanto a resposta a esta questão quanto o próprio sentido da palavra “útil”, neste contexto, implicam num grau de complexidade que, na sua totalidade, escapa as presentes possibilidades de discussão. Porém, acredito não caber dúvida de que um bom conhecimento da história da matemática e da gênese de suas principais idéias e conceitos muito contribui para dar ao pesquisador um *agudo sentido da realidade matemática*.

Já o diálogo da história desta ciência com a educação pode seguir, a meu ver, pelo menos dois caminhos igualmente relevantes. Por um lado, a referência freqüente à história do desenvolvimento das idéias matemáticas pode transmitir ao estudante, não somente a tão necessária motivação dos conceitos como pode iluminar a sua compreensão de um modo que escapa a simples exposição dos assuntos, mesmo com todo o rigor e com todas as motivações intuitivas necessárias. Por outro lado, não se pode deixar de lado o papel que uma tal referência à história tem, do ponto de vista da formação humanista do aluno. O desenvolvimento da matemática, em contato contínuo e em paralelo com o desenvolvimento da ciência como um todo, nos fala da ampliação da consciência, da nossa compreensão do mundo que nos rodeia e de nosso papel nele.

**História, Ciência e Educação:
notas a partir da historiografia de disciplinas particulares**

Mirian Jorge Warde (PUC-SP)*

Para tratar do tema proposto – História, Ciência e Educação: possibilidades de diálogo – esta exposição considera, em primeiro lugar, no âmbito da produção acadêmica brasileira, distintos perfis historiográficos de disciplinas específicas.

O objetivo central dessa parte inicial é o de colocar em tela os modos diferenciados pelos quais as disciplinas lidam com suas próprias trajetórias e se dispõem a convertê-las em objeto específico de investigação. São tão distintas as tradições historiográficas das disciplinas particulares que dificilmente se pode afirmar, sem riscos de se cometer impropriedades, que sejam produtos de alguma chave epistemológica comum ou fruto de alguma disposição política compartilhada. Assim também, não é débito nelas supor idêntico equacionamento da relação ciência-educação, ou a produção e a transmissão do conhecimento científico.

O perfil da História da Psicologia é bem distinto do perfil da História da Matemática ou da Física; assim como é bem distinto do que se evidencia na História da Sociologia e da Antropologia. Em cada um dos casos, é possível estabelecer, também, o modo peculiar pelo qual, naquele âmbito, é pensada a relação da disciplina com as práticas ou aos processos educacionais nos quais se envolvem e pelos quais são envolvidas.

Como fecho desta primeira parte, interessa examinar, nas historiografias disciplinares particulares, as marcas tradicionais da História da Ciência centrada nos “grandes nomes”, “nos grandes feitos”, “nas grandes

* Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP.

instituições” que linearmente narra a passagem dos “heróis fundadores” aos seus “seguidores”. Nessa história sempre idílica, ainda quando nela se incluem traições e perfídias, fracassos e interrupções, há que se atentar para o relevo conferido, no Brasil, aos governos e aos governantes, às agências e aos financiamentos.

Na segunda parte da exposição, o foco recai sobre perspectivas de pesquisa à luz de novas tendências que vêm se realizando em História da Ciência ou História de Disciplinas, nas quais a relação ciência-educação, produção-transmissão formal do conhecimento científico é pensada como elemento intrínseco à própria história.

MESA-REDONDA 3:

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS

Antonio Vicente Marafioti Garnica (UNESP-Bauru/Rio Claro)

vgarnica@travelnet.com.br

Maria Angela Miorim (FE-UNICAMP)

miorim@unicamp.br

Vinício de Macedo Santos (FE-USP)

vms@usp.br

A mesa redonda tem o objetivo de evidenciar e discutir relações entre áreas. Um saudável e oportuno exercício em se tratando da aproximação entre História e Educação Matemática. Pode-se considerar que há aí cooperação e reciprocidade? Quais questões têm sido valorizadas pela pesquisa? Quais perspectivas teórico-metodológicas têm orientado os estudos? E, tanto quanto possível, o que se pode dizer sobre resultados alcançados e mudanças empreendidas no campo da Educação Matemática? A contribuição para o debate de questões desse tipo é trazida por dois professores com ampla experiência em pesquisar na interface proposta.

História e Educação Matemática: possibilidades de diálogo

Antonio Vicente Marafioti Garnica

O título dessa mesa redonda é, ao mesmo tempo, direcionado e aberto. Direcionado pois indica a interface História/Educação Matemática como foco das discussões; aberto por propor como subtítulo uma frase propositalmente lacunar: possibilidades de diálogo. Posto que diálogo

pressupõe intercâmbio, interlocução, escuta e fala atentas, é natural que nos perguntemos: por que diálogo? Diálogo entre o quê ou entre quem? Diálogo entre História e Educação Matemática? Ou diálogo entre História, Educação Matemática e toda uma variedade de áreas, enfoques e aportes teóricos que, segundo julgo, os estudos na e sobre a interface História/Educação Matemática trazem à cena? Na continuidade deste texto pretendo tornar mais precisos os princípios a partir dos quais tentarei discutir essa “possibilidade de diálogo”.

Defenderei a interface História/Educação Matemática, tanto quanto a própria Educação Matemática, como um campo de interações (segundo Bourdieu), um espaço (formado a partir de lugares praticados, segundo Certeau), uma prática social (segundo Miguel), uma instituição (segundo Thompson) etc, conceitos esses estabelecidos em retroalimentação, segundo penso. E proponho como visceral a discussão sobre como essa interface tem tomado forma, como tem sido elaborado seu discurso, quem são (e quais podem ser) os interlocutores que a constituem.

Pretendo também assumir a interface História/Educação Matemática como rizomática, e assim a entendendo, talvez seja necessário um exercício cartesiano (ou um exercício, em seu início, pretensamente cartesiano, já que um rizoma não aceita candidamente uma decomposição, um desfazer de seus liames). Começarei analisando a História, e tentarei mostrar que, no mundo contemporâneo (alguns prefeririam “no pós-moderno”, outros “na modernidade tardia”, que seja), quando se instala uma desconfiança nas metanarrativas (teológicas, científicas, filosóficas) e quando está declarada a morte aos centros (um abandono aos quadros de referência eurocentrados, anglocentrados, sexistas), uma revisão do próprio conceito de História (ou, mais propriamente, de Historiografia) é urgente.

A Historiografia, no mundo contemporâneo, dilui-se (sem perder sua identidade como historiografia, segundo alguns) numa série de relatos, narrativas, cuja análise não está nas mãos de um único agente estavelmente

radicado numa ou noutra região de inquérito. No mundo contemporâneo, numa sociedade facilmente caracterizada como refém da imagem e do consumo, essa massa de gêneros historiográficos tem acolhido como analistas sociólogos, antropólogos, artistas e investigadores culturais das mais diversas procedências num contínuo, necessário e, segundo avalio, produtivo diálogo. As fronteiras inter-áreas tornam-se fluidas, e já são mais negociadas e negociáveis as proibições quanto a cruzá-las. E não se poderia pensar a Historiografia fora desse panorama atual de interlocuções pois é nesse presente que surgem as questões do historiador (ou àqueles que têm os historiadores como interlocutores mais próximos). A História é – e parece não haver mais embate algum acerca dessas disposições de Marc Bloch – o estudo dos homens no tempo, vivendo em comunidade. É uma história-problema que elege temas presentes que podem ser analisados a partir de um olhar retroativo, uma busca ao passado (próximo, ou remoto). Uma história que também se permite ser história do agora. Uma história que, segundo Souza, nos alerta que o passado comportava inúmeros futuros além daquele que se processa no presente. Uma história que visa a informar o presente e nos ajuda a compreender (não justificar) nossa própria experiência como seres sociais.

Entender as práticas sociais (quer seja a Educação Matemática, a Educação ou a Matemática) nesse panorama histórico (isto é, entender a configuração da interface História/Educação Matemática) exige esses diálogos inter-áreas e é imperativo que eles não sejam vistos apenas como possibilidades. Eu, a partir do *locus* em que me situo – representando o grupo de pesquisa ***História Oral e Educação Matemática*** – e, portanto, transitando entre esferas que vão além da Educação, da História e da Matemática, tentarei esboçar como pensamos estar contribuindo para a efetivação dessas interlocuções.

Relações entre história e educação matemática: um olhar sobre as investigações brasileiras

Profa. Dra. Maria Ângela Miorim (FE-UNICAMP)

O matemático francês Aléxis-Claude Clairaut (1713-1765) pode ser considerado um autor que desencadearia questionamentos acerca de possíveis diálogos entre história e educação matemática. As posições sobre educação matemática que estavam colocadas no século XVIII, particularmente a de Jean Lê Rond d' Alembert (1717-1783), um dos autores da *Encyclopedie ou Dcictionnaire Raisonné dès Sciences, dès Art set dès Métiers*, defenderiam, adotariam e divulgariam a expressão utilizada por Alex Claude Clairaut, “a ordem dos inventores”. Essa expressão tornar-se-ia uma “noção-chave do iluminismo e dos primeiros estágios da Revolução Francesa”. No item *Éléments dès sciences* da *Encyclopédie*, encontramos um trecho em que d' Alembert manifesta a sua posição em defesa desse método:

“Em primeiro lugar, deve-se seguir, tratando dos elementos, a ordem que seguiram os inventores? Inicialmente, é evidente que não se trata absolutamente aqui da ordem que os inventores na maior parte das vezes seguiram, e que foi sem regra e algumas vezes sem motivo, mas daquela que eles poderiam seguir procedendo com método. Não se pode duvidar que tal ordem seja em geral a mais vantajosa a ser seguida, pois ela é mais conforme à marcha do espírito, que esclarece instruindo, que coloca no caminho para ir mais longe, e que é preciso, por assim dizer, pressentir a cada passo aquele que de segui-lo: é o que se chama, em outros termos, o método analítico” (Apud, Schubring, 2003, p. 72).

Nos Estatutos do Curso Matemático da Universidade de Coimbra, criado em 1772 pela Reforma Pombalina do ensino superior, que pretendia introduzir ‘as luzes’ no cenário intelectual português, essa discussão manifesta-se relacionada à opção por um dos dois métodos – “método sintético” ou “caminho dos inventores” - no desenvolvimento da astronomia. Apesar do texto considerar que existiriam vantagens em se trabalhar com o segundo método, uma vez que para os alunos isso seria “como se eles mesmos houvessem de criar a Astronomia” (Estatutos, v.III, p. 191), por razões relacionadas ao grande tempo que seria necessário para desenvolver o estudo com essas características, a opção é pelo trabalho com o primeiro método.

Duas outras formas de relações entre história e educação matemática encontram-se presentes nos Estatutos do Curso Matemático da Universidade de Coimbra. A primeira delas aparece na introdução (Prolegômenos) do 1º e 4º anos. O texto sugere que o professor leia os Prolegômenos Gerais das Ciências Matemáticas e da Astronomia Físico-Matemática, que deveria conter um resumo acerca do objeto, da divisão, do método, da utilidade dessas Ciências e um resumo histórico das “épocas mais notáveis”. O objetivo principal desses Prolegômenos era o de estimular, motivar, o aluno a iniciar seus estudos, “de sorte, que os disponha, e anime para entrarem no estudo com gosto”. Além da função motivadora, uma outra função era atribuída ao estudo da História. Os professores deveriam estimular os alunos a realizarem durante o curso leituras individuais sobre a História da Matemática. Esse conhecimento seria necessário para que os futuros matemáticos não perdessem tempo “em descobrir segunda vez as mesmas coisas; nem trabalhar em tarefas, e empresas já executadas” (Estatutos, v. III, p. 170).

Uma outra forma de relacionamento entre história e educação matemática, aquela “que diz respeito à configuração de interesses relativos à constituição de histórias de vários aspectos ou áreas da educação

matemática” (Miguel e Miorim, 2002, p. 180), apareceria inicialmente diluída em textos relacionados à história da matemática ou à história da educação. Obras específicas sobre essa relação começariam a aparecer em finais do século XIX, dentre as quais encontram-se: *Geschichte des mathematischen unterrichts im deutschen mittelalter bis zum jahre 1525*, de Siegmund Günther, de 1887 e *The teaching and history of mathematics in the United States*, de Florian Cajori, de 1890.

No Brasil, podemos situar manifestações de relações entre história e educação matemática desde o século XIX. Essas manifestações, entretanto, seriam intensificadas a partir da segunda década do século XX, no bojo das discussões de um movimento de renovação da educação brasileira que ficaria conhecido como o Movimento da Escola Nova. Apesar dessas manifestações estarem mais centradas na primeira forma de relação entre história e educação matemática, ou seja, na **história na educação matemática**, encontramos nesse período as primeiras produções, como capítulos de livros, de textos que abordam aspectos relacionados à segunda forma de manifestação dessas relações, ou seja à **história da educação matemática**. Dentre essas obras, encontram-se: *A aritmética da escola nova*, de 1933, de Everardo Backheuser; *A matemática na escola secundária* de Euclides Roxo, de 1937 e *A matemática no Brasil* de F. M. de Oliveira Castro, de 1953. Com a criação dos programas de pós-graduação em Educação no Brasil teríamos as primeiras dissertações e teses que discutiam relações entre história e educação matemática, dentre as quais: *Estudo da Evolução do Ensino Secundário no Brasil e no Paraná, com ênfase na disciplina de Matemática*, de Maria Antonieta Meneghini Martins, defendida em 1984 na FE-UFP; *A Relação entre o Lógico e o Histórico no Ensino da Matemática Elementar* de Newton Duarte, defendida em 1987 na FE-UFSCarlos; *Movimento da Matemática Moderna no Brasil - Estudo de ação e do pensamento de Educadores matemáticos nos anos 60* de BÜRIGO, Elizabete Zardo Bürigo, defendida em 1989 na FE-UFRGS; O abandono do

ensino de geometria: uma visão histórica de Regina Maria Pavanello, defendida em 1989 na FE-Unicamp; Uma história social do desenvolvimento da matemática superior no Brasil - 1810 – 1920 de Clóvis Pereira da Silva, defendida em 1989 na FFLCH-USP. A partir de finais da década de 80 do século XX, com a criação de cursos de pós-graduação, ou áreas temáticas, específicos em Educação Matemática, com a Fundação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e a realização de Encontros Nacionais de Educação Matemática, e posteriormente com a realização dos Seminários Nacionais de História da Matemática e com a criação da Sociedade Brasileira de História da Matemática, temos presenciado a uma expressiva produção de dissertações e teses relacionadas às relações entre história e educação matemática.

Esta pequena síntese histórica nos aponta para a existência de ‘vários diálogos’ possíveis entre história e educação matemática. Nesta apresentação, pretendemos analisar especialmente dissertações e teses que têm contemplado relações entre história e educação matemática, buscando identificar questões que têm sido privilegiadas por essas investigações e filiações teórico-metodológicas que têm orientado o desenvolvimento dos trabalhos.

Referência Bibliográficas

Estatutos da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1972, 3v.

Miguel, A.; Miorim, M. A. *História da matemática: uma prática social de investigação em construção*. In: Educação em Revista, n. 36, dez. 2002, p.177-204.

Schubring, G. *Análise histórica de livros de matemática: notas de aula*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SESSÃO DE ARQUIVOS E FONTES

ARQUIVOS, FONTES E PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO BRASIL

Wagner Rodrigues Valente

valente@pucsp.br

Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática - GHEMAT

PUCSP

Preliminares

Consistiria uma obviedade salientar a importância dos arquivos para a produção da história. No entanto, tratando-se da história da educação matemática, um breve inventário dos trabalhos já produzidos, elencados no banco de teses e dissertações do CEMPEM - Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, da Unicamp, mostra que ainda são muito poucos os estudos históricos da área que têm utilizado arquivos como fontes de pesquisa.

O presente trabalho tem por objetivos: levantar algumas hipóteses para que, até o presente, poucos tenham sido os estudos que utilizaram essas fontes; discutir a importância da pesquisa em arquivos para a história da educação matemática, divulgar alguns arquivos escolares e arquivos pessoais e seu valor para a área e refletir sobre a produção da história da educação matemática.

